

# A LITERATURA INDÍGENA DE AURITHA TABAJARA COMO INSTRUMENTO DE LUTA E VALORIZAÇÃO DA MULHER PARA UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA E ANTIRRACISTA

Maria Gezilane Gomes de Lima <sup>1</sup>  
Patricia de Souza Moura <sup>2</sup>  
Antonia Lis de Maria Martins Torres <sup>3</sup>  
Maria Larissa da Silva de Castro <sup>4</sup>  
Deborah Clessia Souza Gomes <sup>5</sup>

## *Auritha Tabajara's indigenous literature as an instrument of struggle and valuation of women for democratic and anti-racist education*

### **Resumo:**

Buscar conhecimento sobre a literatura de um país não está restrito somente aos cânones, mas primordialmente aos textos desenvolvidos por diversos povos que compõem a multiculturalidade de um local, ou seja, a literatura brasileira é constituída pelos escritos literários de diversos povos. Infere-se, assim, que a literatura indígena é parte integrante das vivências do brasileiro e é através dessas narrativas que as pessoas adentram na ancestralidade que permeia as raízes brasileiras. Dessa forma, este estudo busca compreender o valor dos textos cordelistas de Auritha Tabajara (2018), mulher indígena e nordestina, para o ensino de literatura através de uma pesquisa de cunho qualitativa pautada nos estudos realizados durante o curso de doutorado em educação na UFC e com base nos princípios na interdisciplinaridade de Luck (1994) e Bert (2007), assim como dos ideais da literatura indígena de Puri (2020) e Silva (2021). Para isso, aplicou-se oficinas de leitura interdisciplinar do livro *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (2018) com alunos de uma escola profissionalizante do município de Caucaia e realizou-se produções artísticas, que representaram as percepções dos estudantes sobre a importância da leitura de textos indígenas e da valorização da mulher indígena como agente ativo da sociedade, através da escrita, do desenho e da pintura. Os resultados identificados mostram que os alunos apresentaram senso crítico, criatividade, abertura ao novo e conhecimento prévio para o estudo da literatura indígena, assim como tiveram a possibilidade de conhecer escritores indígenas e suas obras, consequentemente abrindo espaço para a construção de uma educação antirracista.

**Palavras-chave:** Auritha Tabajara. Leitura. Literatura Indígena. Interdisciplinaridade.

### **Abstract/ Resúmen:**

*Seeking knowledge about a country's literature is not restricted to the canons alone, but primarily to the texts developed by various peoples that make up the multiculturalism of a place, in other words, Brazilian literature is made up of the literary writings of various peoples. It can therefore be inferred that indigenous literature is an integral part of Brazilians' experiences and it is through these narratives that people enter into the ancestry that permeates Brazilian roots. In this way, this study seeks to understand the value of the cordel texts by Auritha Tabajara (2018), an indigenous woman from the northeast of Brazil, for the teaching of literature through qualitative*

1. Doutoranda em Educação e em formação acadêmica pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Ceará. Mestre em Educação pelo PPGE da universidade Federal do Ceará (2022).

2. Doutoranda em Educação pela UFC/ FACED (2024). Mestra em Ensino pelo PPGE/ UERN (2020 - 2021) . Professora Temporária na Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará - SEDUC/CE.

3. Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação Brasileira, também pela FACED/UFC. Pós-doutora pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professora efetiva do Departamento de Estudos Especializados da FACED/UFC com atuação na área de educação a distância e tecnologias digitais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, na Linha História da Educação.

4. Licenciatura em Letras UECE

5. Graduada em Letras pela UFC

research based on the studies carried out during the doctoral course in education at the UFC and based on the principles of interdisciplinarity by Luck (1994) and Bert (2007), as well as the ideals of indigenous literature by Puri (2020) and Silva (2021). To this end, interdisciplinary reading workshops were held on the book *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (Heart in the Village, Feet in the World) (2018) with students from a vocational school in the municipality of Caucaia and artistic productions were made, which represented the students' perceptions of the importance of reading indigenous texts and valuing indigenous women as active agents in society, through writing, drawing and painting. The results identified show that the students had a critical sense, creativity, openness to new things and prior knowledge for the study of indigenous literature, as well as having the chance to get to know indigenous writers and their works, consequently opening up space for the construction of an anti-racist education.

**Keywords:** Auritha Tabajara. Reading. Indigenous literature. Interdisciplinarity.

## 1. ONDE TUDO COMEÇA/ INTRODUÇÃO

A lei nº 11.645, de março de 2008 que alterou a Lei nº 9.394 Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 20 de dezembro de 1996, inclui o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no ensino fundamental e médio nas escolas públicas e privadas especialmente nas disciplinas de educação artísticas, literatura e histórias brasileiras. Mas, mesmo com essa legislação em vigor, não é fácil encontrar livros produzidos por pessoas indígenas nas bibliotecas das escolas e principalmente de trabalhos sendo desenvolvidos em sala de aula com essas obras. Isso demonstra a desvalorização dos escritores de origem indígena, fato que traz barreiras para a difusão de conhecimento sobre a verdadeira história do Brasil e as manifestações culturais provindas dos povos originários.

O ensino de literatura é de extrema valia para uma sociedade, pois segundo Antônio Cândido (1995, p. 38) "a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos organiza". Nesse contexto, percebe-se a relevância da literatura em sala de aula para a formação de aspectos cognitivos, culturais e sociais e, conseqüentemente, ao se trabalhar com a literatura indígena, outras questões entrarão em pauta como respeito, valores, identidades, conhecimento histórico, sociológico e artístico

Destacar o papel da literatura em sala de aula ultrapassa os princípios da formação do leitor, pois estudar com os textos indígenas apresenta reparação histórica diante uma educação que permanece sobre as amarras de uma educação europeizada. Essa ruptura valoriza a história e a cultura de diversos povos, quebra barreiras

preconceituosas e constrói uma educação antirracista, desenvolvendo assim um senso crítico na juventude.

Por isso, para se trabalhar com a literatura indígena em sala de aula é necessário identificar os traços das diversas culturas indígenas existentes na sociedade brasileira e compreender que esse processo é relevante para que os jovens possam entender sobre a existência de diversos povos, culturas e manifestações indígenas que fazem parte da cultura brasileira, ou seja, segundo Munduruku (2009, p. 16), "poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia."

Portanto, esse artigo tem por objetivo discutir sobre a necessidade do ensino de literatura indígena em sala de aula através da apresentação de uma atividade interdisciplinar que envolve o ensino da literatura indígena intercambiado aos princípios da história, da sociologia e da arte para a construção de uma educação antirracista. Para isso foi utilizado o livro *Coração na Aldeia, pés no mundo* de Auritha Tabajara como base para o desenvolvimento das atividades, valorização dos escritores indígenas e para a representatividade da mulher indígena na literatura.

Seguindo esses pensamentos, no primeiro capítulo, intitulado: *na busca por saberes*, foi apresentado a fundamentação teórica que tratou sobre o ensino da literatura indígena, literatura indígena e interdisciplinaridade; no segundo, chamado de *segundo o curso do rio*, foi relatado a metodologia que aborda sobre o passo a passo das atividades desenvolvidas com o livro de Auritha Tabajara; no terceiro, nomeado de *costurando saberes*, foram discutidos os resultados obtidos ao logo da pesquisa e por fim, a conclusão foi explanada a qual foi chamado de *partilhando saberes*.

## 2. NA BUSCA POR SABERES – FUNDAMENTAÇÃO

### 2.1 O ensino de literatura e a literatura indígena

As comunidades indígenas desde o período da grande invasão dos portugueses ao Brasil sofrem diversas atrocidades e essas mazelas permanecem presentes hoje em diversos cenários, inclusive o educacional. Antes estudou-se sobre a dizimação de povos, culturas e línguas, hoje, observa-se o apagamento das culturas que ainda permaneceram em luta. Porém, no cenário educacional, observou-se um grande avanço na legislação com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, Lei 9.394/96 através da Lei 11.645/08 a qual tornou obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino da educação básica.

Com essa nova Lei esperou-se a integração de atividades que valorizassem a cultura e a língua dos povos originários e especificamente dentro do ensino de literatura, almejou-se o estudo de obras indígenas dentro das escolas, porém o que se observou foi exatamente o mesmo tipo de ensino que existia antes da Lei. O ensino da literatura continua priorizando o estudo dos clássicos, utilizando obras do romantismo que desvalorizam a ancestralidade de diversos povos, visto que a literatura indianista produziu obras que tratam sobre os indígenas sobre o olhar eurocêntrico, ou seja, uma descrição produzida por alguém de fora da cultura desses povos, fato que faz reverberar muitos estereótipos e preconceitos.

É evidente que o problema não está entorno dos clássicos, mas dá não diversificação das leituras. Todos os períodos literários possuem obras e escritores importantes para o processo educacional, mas estudar somente um lado da história faz com que diversos preconceitos surjam. Nesse sentido, Folle e Porto (2018), ao analisarem os livros didáticos de Língua Portuguesa e Literatura utilizados no Ensino Médio em escolas públicas e concedidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), evidenciaram que:

O exame das três coleções de língua portuguesa para o Ensino Médio disponibilizadas pelo PNLD nestes últimos oito anos sinaliza haver, nessas obras didáticas, uma predominância de vozes de origem eurocêntrica na autoria de textos literários apresentados aos estudantes de literatura brasileira no ensino médio, o que parece ser um contraste com a formação étnica

brasileira, marcada pela pluralidade e presença de nossos aborígenes. (2018, p. 21)

Vale destacar que a literatura indianista nasceu de um projeto literário que tinha por objetivo a valorização da cultura brasileira, mas como os escritores dessas obras não fazem parte de comunidades indígenas, infelizmente a visão do indígena se apresenta de forma estereotipada ou idealizada, prerrogativa que contribui para o florescimento de estigmas e preconceitos; Por outro lado, a literatura indígena apresenta uma visão fidedigna sobre a cultura dos povos originários, fato que pode proporcionar debates sociais de valorização a diversidade étnica e a história brasileira.

A Literatura indígena representa as lutas, as tristezas e as alegrias de diversos povos que reivindicam seu espaço. Segundo Puri (2020, p. 41):

A literatura indígena é uma reparação histórica, quando nós temos todas as condições de escrever, quando uma cestaria é escrita, quando um grafismo é escrito, ele é uma palavra escrita, embora não seja a palavra que as pessoas entendem. As pessoas lendo, elas estão reparando, porque elas já leram a vida toda e, nas escolas, literaturas muito agressivas e genocidas. Eu não me sinto singular no livro, me sinto uma porta-voz, talvez, uma representante, mas, a assinatura vem com todos os meus antepassados juntos. Vem com as minhas parentas da região, vem com as pessoas que estão aliadas, vem com a própria Mãe-Terra, então, ela é algo tão coletivo. (PURI, 2020, p. 41)

Nesse pensamento, observa-se a necessidade de uma transformação dentro do cenário educacional para a inserção e aceitação da literatura indígena dentro das escolas. Conforme Silva (2021, p. 45) "conhecer e difundir amplamente a literatura indígena é fundamental para dar visibilidade e acesso às produções culturais de diversos povos que, por inúmeras razões, são invisibilizados e/ou de circulação restrita".

Portanto, a partir do momento em que se faz uso da literatura indígena como ferramenta pedagógica, inserindo-a de forma sistemática e constante nas atividades educacionais, paulatinamente, os jovens terão possibilidade de conhecer e compreender a cultura dos povos indígenas de forma verossímil e respeitosa. Assim como, o uso dessas obras possibilitará uma visão crítica e sensível perante as mazelas vivenciadas por esses povos, assim podendo contribuir para uma educação antirracista e uma sociedade inclusiva.

## 2.2 Interdisciplinaridade

Para Luck (1994), interdisciplinaridade significa um processo para o qual é necessário o trabalho colaborativo entre professores que tenham por finalidade a integralização das disciplinas do currículo escolar com a vivência do aluno para que, dessa forma, possam sanar os problemas oriundos de um ensino individualizado, focado somente em uma disciplina. Tudo isso com foco central na construção de cidadãos críticos que saibam julgar o mundo a seu redor de forma consciente.

Dentro do contexto educacional, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como um processo pedagógico no qual as disciplinas se complementam, ou seja, segundo Berti (2007, p.18), "as disciplinas podem estabelecer um diálogo, sem que haja a predominância de uma sobre a outra, nem tampouco a sua extinção. Uma proposta capaz de supostamente fazer interagir saberes na obtenção de conhecimento novo e de natureza superior".

Pensando sobre a importância de um ensino que valorizasse a integração dos saberes de forma que um complementasse o outro, a interdisciplinaridade foi apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs (2000), da seguinte forma:

A interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos (BRASIL, 2000, p. 21).

Nesse ínterim, compreende-se que a interdisciplinaridade não tem a intenção de eliminar ou criar disciplinas, pelo contrário, a proposta visa o fortalecimento das disciplinas e do contexto educacional, visto que através dessa proposta os professores devem trabalhar de forma mais próxima, de modo a compartilhar conhecimentos e contribuir para o fazer pedagógico do outro. Isso se fez necessário, pois conforme o PCNs (2000):

Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização,

mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender (BRASIL, 2000, p. 4).

Assim, compreende-se que a interdisciplinaridade se apresenta dentro do cenário educacional como estratégia para o desenvolvimento de atividades mais colaborativas e conseqüentemente para auxiliar nas dificuldades presentes dentro no sistema através de uma proposta que interliga disciplinas e áreas do saber em prol do desenvolvimento crítico do educando. Assim, como busca reestruturar a forma de ensino, realizando uma transição do individual para o coletivo. Porém tudo que é novo causa incertezas e, infelizmente, essa proposta não foi bem aceita por uma parcela de educadores.

Fazenda (2000) destaca que para um professor trabalhar com a interdisciplinaridade é primordial que esse profissional tenha iniciativa para aprimorar a sua prática pedagógica. Nesse ínterim, percebe-se que os professores precisam sair de suas zonas de confortos, e devem buscar aprimorar seus conhecimentos sobre a disciplina que ministra e disciplinas afins, devem mostrar abertura para o novo e criar redes de apoio para que assim o trabalho colaborativo possa emergir. Somando a isso, é necessário ter uma gestão parceira para que possa colaborar com esse trabalho também, pois desenvolver atividades interdisciplinares exige tempo e estudo.

Essa forma de trabalhar auxilia o aluno no processo educacional, pois possibilita que esse personagem possa realizar inferências com os conteúdos estudados e suas próprias vivências, conseqüentemente dando sentido ao currículo escolar. É nesse caminho que a atividade apresentada neste artigo caminhou, pois através dela buscou-se estudar e compreender uma obra da literatura indígena sobre a perspectiva da literatura, da história, da sociologia, da arte, mas principalmente do conhecimento prévio de cada estudante.

## 3. SEGUINDO O CURSO DOS RIOS - METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida durante o Doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará e se trata de um estudo de caso com teor qualitativo. Gil (2002, p. 55) observa que os propósitos desse tipo de estudo "não são os de proporcionar o conhecimento

preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados”.

Durante o andamento das pesquisas sobre Literatura Indígena, fomos convidados para realizar uma atividade na Escola Profissionalizante Professor Antônio Valmir da Silva, localizada no município de Caucaia, para compor o cronograma das ações voltadas para o Selo Escola Antirracista. Esse selo segundo o edital de 2024 tem por objetivo:

Construir uma política pública educacional comprometida com a equidade racial no Sistema de Ensino do estado do Ceará, certificando com o Selo Escola Antirracista as escolas que apresentarem ações e projetos de gestão para equidade racial pautados em ações e experiências antirracistas significativas e inovadoras.  
(Cidade de Fortaleza, 2024, p. 1).

Com base nessa prerrogativa, realizamos uma atividade multidisciplinar que envolveu literatura, artes, história e sociologia para o estudo da obra “Coração na Aldeia, pés no mundo” de Auritha Tabajara na busca de reconhecimento e afirmação de identidades femininas indígenas na literatura, assim como para democratização e decolonização da educação com características europeias que ainda se faz presente nas escolas brasileiras.

Para a realização das atividades, os alunos de primeiros anos foram levados para o auditório da escola. Nesse primeiro momento, escolhemos trabalhar somente com uma turma de 45 alunos, pois um número maior de estudantes comprometeria a observação e o acompanhamento dos jovens durante as oficinas.

Nesse primeiro momento, recebemos os alunos com o vídeo “Alok Performs from the Amazon in Brazil | Global Citizen Live” o qual apresenta a simbiose da música eletrônica com os cantos do povo Yawanawá. Esse primeiro momento é crucial para preparar o psicológico dos jovens para adentrar um novo mundo, ou seja, uma música que traz o conhecido, representado pela música do Alok, reflete o acolhimento a cultura dos jovens contemporâneos para que depois se possa adentrar na cultura dos povos indígenas de forma respeitosa.

No segundo momento, os alunos foram convidados a ficarem de pé para a realização da dinâmica: “Olhar Ancestral”. Nessa atividade, solicitamos que os alunos

ficassem em duplas e observassem o colega e todos os objetos presentes no corpo dele. Em seguida, solicitamos que os integrantes das duplas ficassem de costas um para o outro e tirassem ou mudassem de lugar dois objetos. Posteriormente, os alunos deveriam se virar e identificar o que o colega havia modificado no próprio corpo. Esse sistema foi repetido mais duas vezes, porém cada rodada, solicitávamos que os alunos aumentassem a quantidade de objetos modificados.

Essa dinâmica nos convida a voltarmos a nossa essencial e buscarmos nas minúcias das coisas da nossa ancestralidade. Ou seja, ela auxilia na concentração e na percepção do mundo ao nosso redor, consequentemente nos proporciona a abertura para compreender de forma mais simples as vivências do outro.

Após esse momento de conexão, solicitamos que os alunos respondessem um questionário com as seguintes perguntas:

<b>Tabela 1 – Perguntas do questionário</b>
<b>PERGUNTAS</b>
Você é indígena?
Se sua resposta anterior foi sim, informe qual sua etnia indígena?
Você sabe o que é literatura indígena?
Se sua resposta anterior foi sim, então indique abaixo o nome de um livro ou escritor que representa a literatura indígena no Brasil.
Fonte: Autor (2024)

A aplicação do questionário é relevante para que possamos sondar sobre os conhecimentos prévios dos discentes no que concerne a temática. Após esse momento, apresentamos por meio de slide fotos de escritores indígenas para saber se os jovens os conheciam e se eles os reconheciam como pessoas indígenas. No slide tinha a foto de Auritha Tabajara e Graça Graúna, ambas com vestimentas comuns e tinha as fotos de Daniel Munduruku e Ailton Krenak com adereços indígenas.

Foram apresentadas somente as fotos sem o nome de cada escritor para que através da imagem e do conhecimento sóciohistórico dos jovens pudéssemos apreciar as percepções deles sobre as pessoas indígenas. Nesse momento em que todos estavam descrevendo as personalidades nas fotos, buscando características indígenas, ouvimos uma aluna dizer: *não podemos definir as pessoas só pela imagem, pois o*



*Brasil é um país miscigenado e todos nós temos traços indígenas.*

Momento relevante para que pudéssemos abrir uma discussão sobre a questão da miscigenação, da diversidade de povos indígenas que existem no Brasil e sobre o respeito a diversidade através da perspectiva histórica e sociológica. Assim, realizamos uma roda de conversa sobre essas questões em que a autonomia e o conhecimento de cada aluno foram valorizados.

Após a roda de conversa, voltamos para os slides com a apresentação de imagens de livros do romantismo da literatura indianista e livros contemporâneos da literatura indígena. Os livros apresentados foram: *Iracema* e o *Guarani* de José de Alencar, *Juca Pirama* de Gonçalves Dias, *Coração na Aldeia, pés no mundo* de Auritha Tabajara, *Flor da mata* de Graça Graúna, *Sobre saberes e utopias* de Daniel Munduruku e *O amanhã não está à venda* de Ainton Krenak.

A apresentação desses livros teve o objetivo de sondar se os alunos conheciam essas obras e se eles

compreendiam a diferença de literatura indianista e literatura indígena. Em seguida, foi aberta novamente a roda de conversa para apurar o conhecimento dos jovens e contextualizar essas ideias com as teorias da literatura, assim como discutimos sobre a importância de ler textos produzidos por escritores indígenas.

Como o tempo era curto para realizar o estudo analítico de todas as obras, optamos por estudar a obra *Coração na Aldeia, pés no mundo* e conhecer a bibliografia de sua escritora Auritha Tabajara. Essa obra foi escolhida, pois ela trabalha sobre as problemáticas simbióticas pertinentes ao ser mulher e a mulher indígena. Um texto trabalhado sobre os versos da literatura de cordel que mostra a cultura do povo indígena Tabajara e os preconceitos enfrentados pelo indígena que sai da aldeia para a cidade.

Após a apresentação da obra e da bibliografia da escritora, realizamos a leitura do livro:

**Imagem 1** – Leitura da obra



Fonte: Autor (2024)

A leitura foi realizada de forma coletiva e dialogada buscando compreender as indagações dos jovens e contribuir significativamente para o processo de uma educação antirracista. Em seguida, solicitamos que os alunos se dividissem por equipes e entregamos cartolina, papel ofício, canetinha, lápis de cor, cola e tesoura. Posteriormente, solicitamos que as equipes realizassem criações artísticas partindo dos assuntos

que foram discutidos anteriormente. Orientamos que a atividade era livre, mas que poderiam optar por vários tipos de linguagem artística como a escrita, a pintura, o quadrinho, o desenho entre outras.

Com base nesse comando foram criados diversos cartazes:

**Imagem 2 – Orientação**



Fonte: Autor (2024)

**Imagem 3 – Orientação**



Fonte: Autor (2024)

**Imagem 4 – Produções**



Fonte: Autor (2024)

Após as produções dos cartazes, finalizamos as atividades com a apresentação da música - "JUÑUY TAKI" - Música medicina dos Índios Beta & Adrián Rainforest para que os alunos pudessem apreciar a música indígena e compreender que em cada comunidade indígena existem artistas e manifestações culturais distintas uma das outras. Todas as produções foram expostas nas paredes da escola para que as outras turmas pudessem ter o contato com a arte produzida pelos colegas.

#### 4. COSTURANDO SABERES – RESULTADOS

Segundo Kambeba (2020, p. 88) a música faz bem para a essencial do indivíduo e os povos originários a usam sempre independente do estado de espírito, pois, conforme a autora: "pelo canto, dá-se o trânsito de saberes consolidados da vivência dos povos, na cultura da resistência, ligação transcendente com as

forças da natureza. O território da música indígena é vasto. Por ele, contam-se histórias de momentos difíceis e alegres".

É com esse pensamento que as atividades foram iniciadas com música indígena, na busca de conectar os jovens não indígenas com a essencial dos povos originários e assim sensibilizá-los sobre a importância da música e da língua indígena como um processo que, conforme Kambeba (2020, p. 88), "demarca territórios educacionais, políticos, sociais, sagrados, relacionando várias formas de se perceber a luta".

Dessa forma, os dois momentos que usamos a música foram essenciais para o despertar de uma consciência crítica sobre a cultura de outros povos. Assim, com a apresentação da música do Alok Performs from the Amazon in Brazil | Global Citizen Live, no início da aula, e da música "JUÑUY TAKI" - Música medicina dos Índios Beta & Adrián Rainforest, no final da aula, percebemos

que essa estratégia despertou a curiosidade e o interesse dos jovens sobre a peculiaridade composicional daquelas músicas, o que fez com que muitos alunos realizassem diversas perguntas sobre os artistas ali presentes.

Continuando com a busca da conexão com o mundo indígena a dinâmica "olhar ancestral" nos mostrou o quanto a humanidade necessita se desconectar do mundo tecnológico e voltar a visão para as coisas simples da vida. Com essa dinâmica foi perceptível observar a dificuldade que o jovem tem de se desapegar do celular, pois observamos alunos dando uma última visualizada no aparelho antes de se integrar a atividade. Mas mesmo com esse impasse, é perceptível que os jovens têm facilidade em se relacionar com o novo e facilmente se integram a uma nova vivência que os fez desejar continuar com a atividade por mais um tempo.

No segundo momento, com a aplicação do questionário foi possível identificar que dos 45 alunos presentes, 3 eram indígenas, porém somente um deles soube responder a qual etnia pertencia. A partir desses dados é possível inferir<sup>6</sup> que a maioria dos jovens indígenas quando chegam no ensino médio optam por continuar em uma escola indígena. Sobre somente um aluno indígena conhecer sua etnia é importante destacar a importância de difundir os conhecimentos indígenas entre os povos não indígenas, mas principalmente entre os próprios indígenas, pois a luta pelo reconhecimento de uma identidade se torna consistente quando é proferida pelas pessoas pertencentes a ela.

Sobre a pergunta: *você sabe o que é literatura indígena?* Somente duas alunas, uma indígena e outra não, informaram que sim. Complementando essa questão, perguntamos se elas conheciam algum livro ou escritor indígena. A resposta de ambas foi sim, mas não souberam dizer o título da obra ou o nome do escritor, mas souberam descrever o conteúdo dos livros. Por essas respostas, é possível compreender como é frágil o estudo de textos indígenas dentro das escolas, evidenciando uma realidade que é real dentro das escolas públicas não indígenas e provavelmente se faça presente também nas escolas indígenas.

No terceiro momento em que buscamos sondar sobre o conhecimento prévio dos alunos através de imagens de escritores indígenas e obras indígenas e indianistas

foi perceptível a multiplicidade de conhecimento que esses jovens possuem. Nesse momento, observamos que os alunos não conheciam nenhum escritor indígena, mas por outro lado, faz-se necessário evidenciar que esses jovens possuem o senso crítico apurado para compreender as diferenças entre as pessoas e respeitar a cultura do outro, visto que eles souberam apresentar posicionamento antirracista e defendê-los, dá mesma forma souberam apresentar exemplo de suas próprias vivências relacionadas aos assuntos tratados durante as discussões.

Com as obras indígenas e indianistas, evidenciamos que os jovens conheciam as obras de José de Alencar e Gonçalves Dias, mas não conheciam nenhuma obra dos escritores indígenas. Quando indagados se as obras apresentadas era literatura indígena, eles responderam que todas eram. Essa resposta foi possível, primeiro porque já conheciam as obras do romantismo e segundo porque antes, na atividade com imagens, eles já haviam visto as fotos e os nomes dos escritores indígenas.

Nesse momento de trabalho com as imagens é perceptível que os alunos desconheciam o que era literatura indígena e indianista, assim como desconheciam que existiam escritores indígenas. Um problema persistente no cenário educacional brasileiro, pois mesmo com a vigência da Lei 11.645/2008 as escolas permanecem reproduzindo um ensino tradicional voltado para a leitura de textos de obras que não foram escritas por autores indígenas. Fato que faz reverberar uma imagem dos povos originários sobre a visão do colonizador e conseqüentemente uma imagem impregnada de estereótipos que não representa a verdadeira essencial desses povos.

Durante as oficinas, percebemos que as atividades desenvolvidas fizeram sentido para os alunos e conseqüentemente apresentou possibilidades para o aprimoramento do senso crítico sobre a cultura dos povos originários. Assim como foi evidente a busca por conhecimento, pois os jovens foram pesquisar um pouco sobre outros escritores indígenas, visto que durante a explanação focamos somente na história de Auritha Tabajara.

Nos cartazes é possível identificar desenhos de indígenas, principalmente de imagem de mulheres.

6. Na análise do questionário, realizamos somente inferências, pois não era interesse desse estudo saber onde se encontram os jovens indígenas e nem como funciona o estudo da literatura nas escolas indígenas, mas sim compreender o conhecimento dos jovens da escola profissionalizante sobre a literatura indígena.



Eles produziram oito cartazes, no primeiro é possível ver a imagem de uma mulher indígena e abaixo um texto produzido por uma aluna sobre os povos originários e a natureza; no segundo, temos novamente o desenho de uma mulher indígena e abaixo uma frase de Daniel Munduruku; no terceiro, evidenciamos a imagem de quatro mulheres indígenas, uma delas representa Auritha Tabajata; no quarto cartaz temos o desenho de uma indígena sem olhos que representa a invisibilidade da mulher perante a sociedade.

No quinto cartaz é possível visualizar o desenho de um cocar que representar a força e resistência dos povos indígenas e logo em baixo a seguinte frase: "Respeito a origem de uma nação"; no sexto, observamos o desenho de uma roda de conversa na qual se encontra um pajé contando as histórias de seus antepassados para os mais novos; no sétimo, temos a imagem da bandeira do Brasil com destaque a focos de queimadas e logo abaixo um trecho do livro *Coração na Aldeia, pés no mundo* sobre a destruição do meio ambiente, uma inferência as queimadas na Amazônia no final do ano de 2024, por fim, no último cartaz, observamos a imagem de diversos objetos da cultura indígena e três frases, respectivamente de Auritha Tabajara, Daniel Munduruku e Ailton Krenak sobre a natureza, a criação e a preservação da cultura indígena.

Através dessas obras, evidenciamos o quanto foi importante discutirmos sobre a obra de Auritha Tabajara e suas lutas como indígena e mulher, pois através do exemplo dessa escritora os jovens principalmente as mulheres puderam discutir sobre assuntos que os afligem e conseqüentemente externalizar sentimentos aprisionados através da arte. Ademais, os jovens também demonstraram sensibilidade para com a cultura do outro e demonstraram conhecimento sobre a conexão entre todas as coisas, pois a destruição da natureza não afeta somente os animais e os povos indígenas, mas toda a humanidade.

Com essa atividade também foi possível evidenciar a curiosidade dos jovens em relação a outros escritores indígenas, pois no momento de criarem seus cartazes, eles tiveram a iniciativa de pesquisar trechos da obra de outros escritores. Atitude que demonstra senso crítico, criatividade, abertura ao novo e possibilita o conhecimento da literatura indígena e de seus escritores, conseqüentemente a construção de uma educação antirracista.

## 5. PARTILHA DE SABERES – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Jordão (2011, p. 291), compreende-se que "a sala de aula de literatura precisa ser valorizada como locus potencial para a transformação dos processos interpretativos de alunos e professores, como espaço de confronto com o legitimado". Nesse contexto, ao proporcionar a leitura de textos indígenas entre a juventude é primordial dar oportunidade para que eles conheçam e discutam sobre esse tipo de literatura. Dessa forma, o conhecimento multicultural estará sendo valorizado em prol de uma educação dialógica que busca debater sobre os preconceitos em volta da temática e conseqüentemente encontra caminhos para a construção de uma educação antirracista e livre de estereótipos.

Ademais, a integralização do ensino da literatura indígena na sala de aula com a interdisciplinaridade proporciona a quebra do tradicionalismo e abre espaço para a aplicação de diversas metodologias que estimulam a participação ativo dos alunos. Ou seja, trabalhar com a interdisciplinaridade proporciona o desenvolvimento de diversas habilidades necessárias para a construção de um cidadão crítico e participativo.

## REFERÊNCIAS

---

- BERTI, Valdir Pedro. **Interdisciplinaridade: um conceito polissêmico**- São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo. Instituto de Química.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito a literatura**. Vários escritos, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Parte I, II, III e IV. Brasília: MEC, 2000.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa. Campinas, 6ª ed. SP: Papirus, 2000.
- FOLLE, Adriana; PORTO, Luana. **Literatura e livro didático no Brasil: a exclusão da literatura de autoria indígena no Ensino Médio**. Ver. Ciências Humanas. Mai/ago. Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/233900840.pdf>>. Acesso: 20/04/2025.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002 .
- JORDÃO, Clarissa Menezes. Da educação literária. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto (Org.). **Margens Instáveis**: tensões entre teoria, crítica e história da literatura. Maringá: Eduem, 2011. P. 287-295.
- LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.
- PURI, Aline Rochedo. **Boacé Uchô**: a história está na terra. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.
- SEDUC SE (2024). Edital nº 03/2024/GS/SEDUC [III edital do selo escola antirracista]. [https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2024/03/II\\_Edital\\_Selo\\_Escola\\_Antirracista\\_Assinado\\_Sec.pdf](https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2024/03/II_Edital_Selo_Escola_Antirracista_Assinado_Sec.pdf)
- SILVA, C. O. **Literatura indígena**: retomada, protagonismo e resistência. 2021. 151 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2021.
- TABAJARA, Auritha. Coração na aldeia, pés no mundo. 1. Ed. Lorena, SP: UKA Editorial, 2018.